

Analisando Norman Geisler, João Batista é ou não Elias?

E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. (Mt 11,14)

Então entenderam os discípulos que lhes falava a respeito de João, o Batista”. (Mt 17,13)

Prefácio

Recebemos o estudo do Norman Geisler numa lista de discussão, onde o autor diverge no quesito de que João Batista, não poderia ser o Profeta Elias. De acordo com o mesmo, nos é apresentada a sua visão diante do assunto da impossibilidade de João Batista ser a reencarnação de Elias. Assim, resolvemos demonstrar que a única maneira de João Batista ser o profeta Elias, é somente através da reencarnação. Enfim, serão divididos os assuntos em tópicos e sub-tópicos, a fim de facilitar a consulta aos leitores e chegarmos à conclusão de que João Batista é de fato Elias reencarnado.

Índice

* Considerações Iniciais	2
I – João Batista e Elias	2
1. Discutindo profecias	3
2. Malaquias – o primeiro passo	4
3. Admitindo a possibilidade de João Batista ser Elias	6
4. Reencarnação é sinônimo de Panteísmo?	7
5. Esclarecendo a lei de Causa e Efeito	9
6. O que significa a expressão “no espírito e poder de Elias”	10
7. A transfiguração de Jesus no Monte Tabor	13
8. Argumentos contrários à imortalidade física de Elias	19
II – Passagens que parecem negar a Reencarnação	22
1. Hb 9:27 seria a negação da reencarnação?	22
* Considerações Finais	24

* Considerações Iniciais

Para iniciar a nossa contra-resposta, é importante sabermos que no primeiro século da era Cristã, ou até mesmo antes, já se acreditava no regresso de alguém que já havia vivido anteriormente, porém, preceito não muito esclarecido para os Judeus, e que hoje sabemos se tratar da Reencarnação (Mt 16,13-17; 14,1-2; Mc 6,14-15; Jo 9,1-3; 5,5-14). Assim, trazemos como adendo a Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia:

“As diferenças quanto às crenças doutrinárias, entre os fariseus e os saduceus, conforme é frisada pelo historiador Flávio Josefo, eram as seguintes (ver Guerra dos Judeus II.8.14): Os fariseus criam na imortalidade da alma, que haveria de reencarnar-se. Isso poderia envolver uma série de reencarnações (**doutrina essa muito comum naquela época, que evidentemente também era defendida pelos essênios; ver nota em Luc. 1:80 e Mat. 3:1 no NTI**), mas também incluía a ideia de que a alma haveria de animar o corpo ressurrecto”. (grifos nossos) (Pr. Bentes, J.R. Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia, 4a. edição, volume 5, página 583)

O judeu e historiador Flavio Josefo (37 a 103 d.C), vivendo no primeiro século da era cristã, nos fornece a evidência histórica de que a reencarnação era crença comum em sua época, conforme podemos ler:

“Ensinavam os fariseus que as almas são imortais e que as almas dos justos passam, depois desta vida, a outros corpos” (De Bello Judaico, 2,5,11).

Vejam ainda, a advertência que faz aos soldados judeus que pensam em desertar, suicidando-se:

“Não vos recordais de que todos os espíritos puros que se encontram em conformidade com a vontade divina vivem nos mais humildes dos lugares celestiais, e que no decorrer do tempo eles serão novamente enviados de volta para habitar corpos inocentes? Mas as almas daqueles que cometeram suicídio serão atiradas às regiões trevosas do mundo inferior” (De Bello Judaico, 1910).

Como o objetivo não é a análise histórica da reencarnação, iremos partir para o fato do retorno do profeta Elias, como João Batista.

I – João Batista e Elias

Adentramos agora no ponto chave de nossa exposição. Iremos, daqui para frente, analisar o exemplo contundente do regresso do Profeta Elias, como João Batista

reencarnado. Sabemos que Jesus, não poderia aprofundar num assunto que ainda não era bem compreendido, do qual, naquela época, os judeus tinham uma ideia muito vaga. Com isso, o Mestre utilizou-se dos recursos, daquele período histórico, para expor este processo, ao passo que iremos desenvolver essa lei natural nas linhas abaixo (Jo 3:12).

1. Discutindo profecias

Trataremos primeiro das profecias relacionadas ao retorno do profeta Elias no Tanách (Antigo Testamento). Elas nos trarão a compreensão de como os Judeus às viam se cumprindo nos Evangelhos, conforme anunciava o próprio Jesus. A partir de agora, citaremos o que nos fornece o autor Norman Geisler, na abertura de seu artigo. Leiamos-lo:

A MÁ INTERPRETAÇÃO: Jesus refere-se aqui a João Batista como “o Elias que havia de vir” (confira Mt 17.12; Mc 9.11-13). Mas uma vez que Elias havia morrido há muitos séculos antes dessa ocasião, alguns reencarnacionistas têm alegado que João deve ter sido uma reencarnação de Elias.

Apenas uma correção no princípio da argumentação do autor. Trata-se da afirmativa **“o Elias que havia de vir”**, sendo esta relacionada a João Batista. Com isso, essa tese é defendida por Jesus, em sua época, e não por qualquer outra corrente de pensamento em nossos dias. O primeiro a divulgar essa ideia, portanto, é o próprio Jesus e defenderemos esse pensamento, até que alguém nos prove que Jesus havia falado tudo, menos que João Batista é **“o Elias que havia de vir”**.

Ainda sobre este ponto, é importante citar as profecias que estão relacionadas a Elias no Tanách. Destarte, elas não dizem também, caro leitor, que viria um profeta semelhante, ou ainda sob o poder e espírito de Elias. O que está registrado, taxativamente, é o retorno do Profeta Elias. O que o texto alude é que viria Elias, a preparar o caminho do Mestre. A única maneira do retorno do profeta Elias seria através da reencarnação, mas como já bem esclarecemos anteriormente, os Judeus ainda não a compreendiam de forma clara naquela época. Assim, iremos retornar a este assunto posteriormente e demonstrar nos Evangelhos, após a exposição das profecias. Vejamos abaixo:

Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do SENHOR; endireitai no ermo vereda a nosso Deus. Todo vale será aterrado, e nivelados, todos os montes e outeiros; o que é tortuoso será retificado, e os lugares escabrosos, aplanados. A glória do SENHOR se manifestará, e toda a carne a verá, pois a boca do SENHOR o disse. (Is 40,3-5)

Eis que eu envio o meu mensageiro, e ele há de preparar o caminho diante de mim; e de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, e o anjo do pacto, a quem vós desejais; eis que ele vem, diz o Senhor dos exércitos. (Ml 3,1)

Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor; (Ml 4,5)

Como podemos averiguar eis o Tanách com as profecias relacionadas ao retorno do profeta Elias. É deveras importante sabermos, que, em todas as citações supracitadas, nos indica indubitavelmente a **Voz do que clama no deserto**, como **o meu mensageiro**, sendo este **o profeta Elias**. Em nenhum momento, é retratada a ideia de um espírito profético e sim de uma personalidade que deveria retornar para o cumprimento da profecia. Ou seja, o próprio Elias, ou o seu espírito reencarnado é o único que poderia cumpri-la.

2. Malaquias – o primeiro passo

Mais adiante, nos propõe uma correção ao trecho anterior, de acordo com o entendimento do autor, como sendo uma “má interpretação” por parte dos que defendem a reencarnação, conforme podemos ver:

CORRIGINDO A MÁ INTERPRETAÇÃO: Existem muitas razões pelas quais esse verso não oferece qualquer suporte à visão oriental, ou da Nova Era, sobre a reencarnação.

Sugere ainda o autor, que, por muitas razões, os versos de Mt 17,12 e Mc 9,11-13 não estão relacionados à reencarnação. Primeiro vejamos as passagens sugeridas:

digo-vos, porém, que Elias já veio, e não o reconheceram; mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim também o Filho do homem há de padecer às mãos deles. (Mt 17,12)

Esta passagem de Mateus também se encontra em Mc 9,11-13, e com um detalhe, ela está relacionada com o evento da Transfiguração de Jesus no monte Tabor, na presença de Pedro, Tiago e João, ao qual comentaremos com mais detalhes posteriormente. Neste instante, vamos voltar alguns capítulos atrás, do mesmo Evangelho de Mateus, e verificar um trecho que também fala do retorno do profeta Elias, mas que infelizmente não foi comentado pelo autor. Assim, voltemos à passagem de Mt 11 que começa a partir do verso 10:

“Este é aquele de quem está escrito: Eis aí envio eu ante a tua face o meu mensageiro, que há de preparar adiante de ti o teu caminho”. (Mt 11:10)

Este verso esclarece o cumprimento da profecia aquela contida em Ml 3,1. Essa citação é muito importante neste momento e toda a nossa atenção deve estar focada neste relato, pois Jesus a direciona a João Batista quando diz “Este”. Por outro lado, o Mestre ainda faz a referência ao Profeta Elias, quando dá a devida continuidade testificando que “é aquele de quem está escrito”. No desfecho deste pequeno relato, é

onde reside todo o foco neste momento, já que Jesus relaciona tanto João Batista, como o Profeta Elias por uma mesma expressão profética “**o meu mensageiro**”. Ambos, na concepção do Mestre, **são o mesmo mensageiro**. Uma forma de dois serem um, é somente através da Reencarnação.

Lemos adiante, no verso 11:

“Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu outro maior do que João, o Batista; mas aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele”. (Mt 11:11)

Deixaremos para dedicar uma explanação mais ampla, sobre este verso mais adiante, no sub-tópico nº 5. Dando continuidade, no verso 12, está escrito:

E desde os dias de João, o Batista, até agora, o reino dos céus é tomado a força, e os violentos o tomam de assalto. (Mt 11:12)

Elias representava os Profetas, onde o sentido lógico que devemos entender é de que desde os dias em que João Batista viveu como Elias, vigorava a dura lei do olho por olho e dente por dente. Neste contexto, há de se convir que, quando João Batista ainda era Elias, este estava sob a dura Lei de Moisés. No verso 13 subsequente, encontramos:

“Pois todos os profetas e a lei profetizaram até João”. (Mt 11:13)

A confirmação de que Elias representava os Profetas e este está reencarnado como João Batista. A Lei era representada por Moisés e os Profetas por Elias.

Enfim, ao desfechar o cumprimento de uma profecia, Jesus arremata no verso 14:

“E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir”. (Mt 11:14)

Neste ponto, o Mestre afirma, sem rodeios e sem meias palavras, de que João Batista é a reencarnação de Elias e “*Quem tem ouvidos, ouça*”. Essa expressão era empregada por Jesus, quando ele se referia às coisas que, para a sua época, não poderiam ser compreendidas tão claramente por todos. Diz-nos a Codificação, acerca da passagem de Mt 11,12-15:

"11. Se o princípio da reencarnação, conforme se acha expresso em S. João, podia, a rigor, ser interpretado em sentido puramente místico, o mesmo já não acontece com esta passagem de S. Mateus, que não permite equívoco: ELE MESMO é o Elias que há de vir. Não há aí figura, nem alegoria: é uma afirmação positiva. - "Desde o tempo de João Batista até o presente o reino dos céus é tomado pela violência." Que significam essas palavras, uma vez que João Batista ainda vivia naquele momento? Jesus as explica, dizendo: "Se quiserdes compreender o que digo, ele mesmo é o Elias que há de vir." Ora, sendo João o próprio Elias, Jesus alude à época em que João vivia com o nome de Elias. "Até ao

presente o reino dos céus é tomado pela violência": outra alusão à violência da lei mosaica, que ordenava o extermínio dos infiéis, para que os demais ganhassem a Terra Prometida, Paraíso dos hebreus, ao passo que, segundo a nova lei, o céu se ganha pela caridade e pela brandura.

E acrescentou: Ouça aquele que tiver ouvidos de ouvir. Essas palavras, que Jesus tanto repetiu, claramente dizem que nem todos estavam em condições de compreender certas verdades". (KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. IV)

3. Admitindo a possibilidade de João Batista ser Elias

Neste ponto da argumentação do autor, ele admitiu, categoricamente, uma possibilidade de haver a reencarnação nesta ocasião, conforme podemos ver grifado abaixo:

Mesmo que fosse possível mostrar essa passagem como uma referência a Elias ter reencarnado em João Batista, **ainda se trataria de uma reencarnação muito diferente daquela que é pregada pelas seitas da Nova Era:**

Após admitir que havia a possibilidade de João Batista ser Elias reencarnado, ele nos fez uma recomendação:

1) Se isso fosse verdade, seria uma reencarnação única, e não seguiria o modelo de reencarnações infundáveis como pregado pelas religiões orientais;

Apenas para justificar o que o próprio Jesus já dissera a Nicodemos (Jo 3,1-15). Em resposta a ele, Jesus diz:

*"Em verdade, em verdade, digo-te: **Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo**" (Jo 3,3).*

A partir da indagação de Nicodemos, Jesus responde que Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo. Ou seja, a afirmativa de que "ninguém pode ver o reino de Deus, se não nascer de novo" é para não deixar dúvidas que é necessário o processo das vidas sucessivas, com o objetivo de elevar-se à condição de merecer o Reino de Deus, pois, se Jesus quisesse transmitir a ideia do Batismo a Nicodemos, como analogia ao nascer de novo, Ele o teria dito, pois o próprio Mestre se submeteu ao batismo. Contudo, voltemos ao foco de nosso estudo.

Mais adiante, Jesus já havia dito a Nicodemos que a Reencarnação era uma lei natural (Jo 3,12). Kardec questiona o objetivo da encarnação aos espíritos de escol e eles nos esclarecem:

132 Qual é o objetivo da encarnação dos Espíritos?

– A Lei de Deus lhes impõe a encarnação com o objetivo de fazê-los chegar à perfeição. Para uns é uma expiação; para outros é uma missão. Mas, para chegar a essa perfeição, devem sofrer todas as tribulações da existência corporal: é a expiação. A encarnação tem também um outro objetivo: dar ao Espírito condições de cumprir sua parte na obra da criação. Para realizá-la é que, em cada mundo, toma um corpo em harmonia com a matéria essencial desse mundo para executar aí, sob esse ponto de vista, as determinações de Deus, de modo que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.

Kardec - A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do universo. Deus, em sua sabedoria, quis que, numa mesma ação, encontrassem um meio de progredir e de se aproximar Dele. É assim que, por uma lei admirável da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na natureza.

133 Os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem, têm necessidade da encarnação?

– Todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer só alguns felizes, sem dificuldades e sem trabalho e, por conseguinte, sem mérito.

133 a Mas, então, de que serve aos Espíritos seguirem o caminho do bem, se isso não os livra das dificuldades da vida corporal?

– Eles chegam mais rápido à finalidade a que se destinam; e, depois, as dificuldades da vida são muitas vezes a consequência da imperfeição do Espírito. Quanto menos imperfeições, menos tormentos. Aquele que não é invejoso, ciumento, avarento ou ambicioso não sofrerá com os tormentos que procedem desses defeitos. (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, Parte Segunda, Cap. II)

Muitos se enganam de que a reencarnação é para um único objetivo de expiação, mas também trata de existências por provas, missão e, sobretudo o progresso espiritual individual e coletivo.

4. Reencarnação é sinônimo de Panteísmo?

O segundo ponto abordado foi sobre a similaridade da reencarnação com a visão panteísta, como se cada individualidade fizesse parte de um todo - Deus. A outra possibilidade é ser numa visão teísta. Muito embora, saibamos que é esta mesma a visão espírita sobre a reencarnação. Mediante o enfoque do autor, nos parece que ele nos conduz a veracidade nesta lei natural (Jo 3,12).

Acreditamos que o autor desconhece a Codificação Espírita, pois se a conhecesse de fato, veria que a sua concepção estaria equivocada, no tocante à visão panteísta, pois saberia que no Espiritismo não a temos. Isto ocorre, infelizmente, com a maioria dos críticos da Doutrina Espírita, pelo simples fato de se arvorarem em emitir uma opinião sobre algo que nem sequer conhecem as suas bases, conforme podemos ver mais abaixo.

2) Se isso fosse verdade, teria ocorrido no contexto teísta e não na visão panteísta de mundo;

Não obstante, cabe-nos esclarecer que a Doutrina Espírita não detém essa visão panteísta, acerca da reencarnação e com isso, iremos demonstrar que o autor está um tanto quanto equivocado, sobre este quesito, mais por desconhecimento. Com efeito, iremos esclarecê-lo.

Panteísmo

14 Deus é um ser distinto, ou seria, segundo a opinião de alguns, resultante de todas as forças e de todas as inteligências do universo reunidas?

– Se fosse assim, Deus não existiria, porque seria o efeito e não a causa; Ele não pode ser ao mesmo tempo uma e outra coisa.

Deus existe, não podeis duvidar disso, é o essencial. Crede em mim, não deveis ir além, não vos percais num labirinto de onde não podereis sair, isso não vos tornaria melhores, mas talvez um pouco mais orgulhosos, porque acreditaríeis saber e na realidade não saberíeis nada. Deixai de lado todos esses sistemas; tendes muitas coisas que vos tocam mais diretamente, a começar por vós mesmos. Estudai vossas próprias imperfeições a fim de vos desembaraçar delas, isso vos será mais útil do que querer penetrar no que é impenetrável.

15 O que pensar da opinião de que todos os corpos da natureza, todos os seres, todos os globos do universo, seriam parte da Divindade e constituiriam, pelo seu conjunto, a própria Divindade, ou seja, o que pensar da doutrina panteísta?

– O homem, não podendo se fazer Deus, quer pelo menos ser uma parte d'Ele.

16 Aqueles que acreditam nessa doutrina pretendem nela encontrar a demonstração de alguns atributos de Deus. Sendo os mundos infinitos, Deus é, por isso mesmo, infinito; não havendo o vazio ou o nada em nenhuma parte, Deus está, portanto, em toda parte; Deus, estando por toda parte, uma vez que tudo é parte integrante de Deus, dá a todos os fenômenos da natureza uma razão de ser inteligente. O que se pode opor a esse raciocínio?

– A razão. Refleti maduramente e não vos será difícil reconhecer o absurdo disso.

Kardec - Esta doutrina faz de Deus um ser material que, embora dotado de uma inteligência suprema, seria em tamanho grande o que nós somos em tamanho pequeno. Uma vez que a matéria se transforma sem parar, se assim for, Deus não teria nenhuma estabilidade, estaria sujeito a todas as mudanças e variações, a todas as necessidades da humanidade, e lhe faltaria um dos atributos essenciais da Divindade: a imutabilidade. Não se pode imaginar que são as mesmas as propriedades da matéria e a essência de Deus, sem O rebaixar na nossa concepção. Todas as sutilezas do sofisma³ não conseguirão resolver o problema na sua natureza íntima. Não sabemos tudo o que Deus é, mas sabemos o que não pode deixar de ser, e a teoria do panteísmo está em contradição com suas propriedades mais essenciais; ela confunde o criador com a criatura, exatamente como se afirmasse categoricamente que uma máquina engenhosa fosse parte integrante do mecânico que a concebeu.

A inteligência de Deus se revela em suas obras como a de um pintor em seu quadro, mas as obras de Deus não são o próprio Deus, assim como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou. (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, Primeira Parte, Cap. I)

Enfim, através da demonstração acima, ratificamos que a reencarnação é baseada na visão teísta e não panteísta. Conforme nos trouxe o autor, a reencarnação passa de uma possibilidade para um fato. Passemos, portanto ao ponto seguinte.

5. Esclarecendo a lei de Causa e Efeito

Neste ponto, o autor aborda a lei de causa e efeito como karma. A palavra provém do sânscrito कर्म karmam; em pali, Kamma e significa ação. O termo tem uso religioso dentro das doutrinas budista, hinduísta e jainista.[1] Já na Doutrina Espírita, o nome correto é lei de causa e efeito. Sendo que essa lei é, inclusive, amparada nos Evangelhos, (Jo 5,5-14). Com efeito, segue o terceiro ponto.

3) Não haveria o conceito de *karma*, através do qual essas seitas dizem que uma pessoa se reencarna para ser punida pelo que aconteceu em uma existência prévia. Ora, dificilmente o fato de retornar como o maior profeta que precedeu Jesus teria sido um castigo para Elias (Mateus 11.11).

Como já bem esclarecemos mais acima, sobre o objetivo da reencarnação que não é somente o de expiação das faltas, mas como provas e progresso do espírito encarnado, fora àqueles espíritos puros que reencarnam apenas por missão, que, certamente, é o caso de Jesus. Tanto que existe o fato do Cego de Nascimento (Jo. 9,1-3), como existência de provas e do Homem Coxo (Jo 5,5-14), como uma existência de expiação. Já sobre a necessidade da reencarnação, sobre o aspecto da evolução moral e intelectual do espírito (Jo 3,1-15). Este assunto está atrelado ao “Diálogo entre Jesus e Nicodemos”, sendo que o Mestre nos repassa a ideia de uma lei natural (Jo 3,12).

Diante do exposto, o autor cogitou que não haveria a lei de causa e efeito. Com isso, advogou para si o trecho em Mt 11,11, como justificativa para desabonar tal lei. Ocorre que este verso encontra-se na passagem, em que Jesus identifica o profeta Elias, como João Batista reencarnado. Vejamos:

“Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu outro maior do que João, o Batista; mas aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele”. (Mt 11,11)

Eis a nossa observação a este ponto: O primeiro é aquele que diz **“de todos os**

Wikipédia [1]: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Karma>

homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista". Analisando-o, chegamos à ideia de que se não houver uma etapa anterior, em que as pessoas possam progredir espiritualmente, João Batista foi um ser privilegiado, pois já veio "**maior que todos os homens**", quer dizer, mais evoluído que todos os homens até aquela oportunidade. Fato este que contraria o princípio fundamental de que "**Deus não faz acepção de pessoas**" (At 10,34). Contudo, seria lógico à nossa compreensão e fidelidade ao trecho sob análise, quando se aceita a reencarnação como um fator de progresso do Espírito. Por outro lado, completa Jesus: "**No entanto o menor no reino dos céus é maior que ele**" (v. 11), o que dentro de uma justiça divina só poderá ocorrer se houver a todos nós a possibilidade de evoluir em outras vidas.

Enfim, a reencarnação nos é apresentada neste trecho principalmente para nos dar a chave e entendermos que sem ela, não haveria lógica, pois Deus faria acepção de pessoas e nos apresentaria João Batista, com privilégios de ser alguém dotado de uma maior envergadura intelectual e moral, do que toda a humanidade, naquele momento. Seria algo que certamente confrontaria a nossa razão. Todavia, a reencarnação nos dá o real sentido, já que por meio da passagem, sugerida pelo autor, mais abona a reencarnação como progresso moral, do que como uma espécie de encarnação expiatória de João Batista.

Por outro lado, Jesus corrobora com a lei de causa e efeito quando Ele é preso pelos Romanos no monte das Oliveiras. Em advertência a Pedro, eis o seu fundamento:

*"Então Jesus disse-lhe: Embainha a tua espada; porque **todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão**. (Mt 26,52)".*

Enfim, para desfechar este quesito da lei de causa e efeito, é sabido que Elias havia degolado os 450 profetas de Baal no monte Carmelo, conforme lemos.

I Rs 18,22 .40

22 Então disse Elias ao povo: Só eu fiquei por profeta do SENHOR, e os profetas de Baal são quatrocentos e cinqüenta homens.

*40 Então Elias disse a eles: "Agarrem os profetas de Baal. Não deixem escapar nenhum". E eles os agarraram. Elias fez os profetas de Baal descer até o riacho Quison, e **aí os degolou**.*

Com efeito, verificamos que o mesmo ocorre com João Batista. Qual seria a explicação mais correta para este evento? Não há outra, senão a aplicação da lei de causa e efeito.

*Mt 14,11: E mandou **degolar João** no cárcere. E a sua cabeça foi trazida num prato, e dada à jovem, e ela a levou a sua mãe.*

6. O que significa a expressão "no espírito e poder de Elias"

Por que João Batista negou ser Elias? Por outro lado, ele afirmou ser o Precursor, embora Jesus tenha afirmado que Elias viria primeiro para restaurar todas as coisas, ou seja, Elias viria como o precursor. (Mt 17,10 a 13). Com efeito, nos é apresentada a seguinte explicação:

Contudo, não é necessário entender essa passagem como uma reencarnação literal de Elias. Existem várias indicações no próprio texto de que ela significa simplesmente que João ministrou no espírito e poder de Elias. Em primeiro lugar, João e Elias não tiveram o mesmo ser — eles tiveram a mesma função. Jesus não estava ensinando que João Batista fosse literalmente Elias, mas apenas que ele veio “no espírito e virtude de Elias” (Lucas 1.17), com o fim de dar continuidade ao ministério profético de Elias.

Em conclusão, podemos raciocinar com três afirmativas dessa passagem tão confusa, porém, só aparente, conforme lemos abaixo:

1ª – João, por questão de humildade, não quis afirmar ser Elias, por sinal à mesma virtude demonstrada, quando inicialmente recusou batizar Jesus, dizendo não ser digno, sequer de carregar as alpacas do Mestre (Mt 3,11) e que Jesus é quem deveria batizá-lo (Mt 3,14);

2ª – Quando o João Batista disse que ele não era o profeta Elias. Isso não prova nada, que ele não era o espírito do Elias reencarnado. O que fica claro é que João Batista não sabia que ele era a reencarnação de Elias, se ele soubesse, ele confirmaria. Neste caso, houve o esquecimento do passado que podemos encontrar na obra "O Evangelho segundo o Espiritismo", de Allan Kardec, item 11, Cap. V:

"Havendo Deus entendido de lançar um véu sobre o passado, é que há nisso vantagem. Com efeito, a lembrança traria gravíssimo inconveniente. Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou então, exaltar-nos o orgulho e, assim, entrar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais. Frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes haja feito. Se reconhecesse nelas as a quem odiara, quiçá o ódio se lhe despertaria outra vez no íntimo. De todo modo, ele se sentiria humilhado em presença daquelas a quem houvesse ofendido. Para nos melhorarmos, outorgou-nos Deus, precisamente, o de que necessitamos e nos basta; a voz da consciência e as tendências instintivas. Priva-nos do que nos seria prejudicial".(KARDEC, A. O Evangelho segundo o Espiritismo, Cap. V)

Contudo, o que João Batista tinha, era a intuição de sua missão e por humildade, não se exaltou em cumpri-la, antes se reportou ao Mestre como indigno de carregar as

suas alparcas e cumpriu a sua tarefa até o fim, com a intrepidez de um verdadeiro profeta que não se enaltece, mas foi elevado por Jesus.

3ª – Ao reencarnar, João Batista veio cumprir sublime missão, "**a de preparar os caminhos do Senhor**", em função de sua elevada evolução espiritual, tendo isso sido realçado pôr Jesus:

“Em verdade vos digo que, entre os que de mulher tem nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista, mas aquele que é menor no reino dos céus é maior do que ele”. (Mt 11,11)

Era evidente que Jesus estava se referindo a vida passada de João, quando foi Elias e que também veio desempenhar nobre missão e extrapolou seus direitos, ao vencer a aposta diante do Rei Acabe, no Monte Carmelo, provando que o Deus que libertou o povo Hebreu do jugo dos Egípcios, tendo como líder Moisés, o Deus único e verdadeiro, era mais poderoso que o Deus Baal, cujos adeptos, em torno de 450 pessoas, não conseguiram que projetasse do céu fogo para queimar a sua fogueira e o boi, que estava assentado sobre a mesa, cortado em pedaços, apesar dos insistentes apelos que fizeram, vindo até a se mutilarem. Na oportunidade de Elias, o profeta do Senhor, após fervorosa súplica feita ao seu Deus, de imediato o fogo vindo como um raio queimou a sua fogueira e o seu boi. Ao vencer a aposta, Elias, não usando de clemência, exigiu junto ao Rei Acabe que os profetas de Baal fossem mortos, decapitando-os na torrente de Cison, conforme consta no Livro de 2 Reis 18,19-40.

João Batista, por essa infração ao 5º Mandamento da Lei de Deus, que nos recomenda "**Não matarás**", voltou para resgatar nas mesmas circunstâncias em que matou, sendo, portanto, decapitado, após solicitação de Salomé e sua mãe ao Rei Herodes (Mt 14,3-11). Essa é a referência ao qual Jesus havia dito que "... **Na verdade Elias havia de vir e restaurar todas as coisas**".

Ainda com referência ao esquecimento do passado, João Batista evidenciou que no seu caso, este foi parcial, tendo consciência, apenas intuitivamente, da missão que vinha desempenhar como precursor, porém o restante de sua vida como Elias ficou esquecido por completo.

Alegam que João Batista havia negado ser Elias, por outro lado, um fato importante a ressaltar é que logo após o diálogo de Nicodemos e Jesus, há o testemunho de João Batista dizendo que:

*“Vós mesmos sois testemunhas de que vos disse: eu não sou o Cristo, mas **fui enviado como seu precursor**” (Jo 3,28).*

Ou seja, o precursor do Messias era o **Profeta Elias**, segundo as profecias diretas de Malaquias. Enfim, João Batista era de fato Elias reencarnado, sem a dúvida de não sê-

lo. Aliás, para alguém ser enviado, ele precisa existir, o que corrobora que João Batista estava em nova reencarnação, ou, na pior das hipóteses, que seu espírito era preexistente. Só que a preexistência é uma ideia ligada à reencarnação, assim, por ela, estamos voltando ao primeiro ponto.

Outra justificativa que nos tentam passar, a fim de negar que João Batista tenha sido Elias reencarnado, é a ideia de que Elias não reencarnou em Eliseu, após o evento do arrebatamento, como podemos conferir.

“Então Elias pegou o manto, o enrolou e bateu com ele na água. A água se dividiu em duas partes, de tal modo que os dois passaram o rio sem molhar os pés”. (2 Rs 2,8)

“Pegou o manto de Elias, que havia caído, e voltou para a margem do Jordão. Segurando o manto de Elias, bateu com ele na água, dizendo: ‘Onde está Javé, o Deus de Elias?’ Bateu na água, que se dividiu em duas partes. E ele atravessou o rio. Ao vê-lo, os irmãos profetas, que estavam a certa distância, comentaram: ‘O espírito de Elias repousa sobre Eliseu’. Então foram ao seu encontro, se prostraram diante dele”. (2 Rs 13,15)

Quando conferimos a passagem de Lc 1,17, onde está escrito que João Batista “...irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias”, conforme a anunciação de um anjo a Zacarias, vimos que para que haja uma negação de que João Batista seja a reencarnação de Elias, a profecia de Malaquias deveria tratar do “espírito profético” e não do retorno físico do Profeta Elias. Outrossim, para que a passagem de Lucas testificasse este pensamento do “espírito profético” de Elias estivesse sobre João Batista, Jesus também teria diria que “o espírito de Elias repousa sobre João Batista, baseando-se no fato equivalente entre Elias e Eliseu (2Rs 2,15). Portanto, quando se diz que “o espírito de Elias repousou sobre Eliseu” só se pode entender que Elias desencarnou e na condição de espírito influência seu sucessor, ou ainda devido à mediunidade de Eliseu fazia crer que o espírito de Elias estava sobre ele em porção dobrada. Aos que acreditam no arrebatamento físico de Elias, perguntamos: como é que seu espírito andava com Eliseu e seu corpo ficou no mundo espiritual?

7. A transfiguração de Jesus no Monte Tabor

Acredito que o fenômeno da Transfiguração de Jesus merece um aprofundamento neste ponto do estudo. Com isso, vamos tecer algumas análises, bem como comentários sobre que, tanto Moisés, quanto Elias já haviam desencarnado e deveriam estar aguardando o momento da ressurreição, no estado de “sono da alma”, porém, estava Moisés e Elias como espíritos materializados. Vejamos o que nos apresenta o autor.

Em segundo lugar, os discípulos de Jesus compreenderam que Ele estava falando a respeito de João Batista, uma vez que Elias apareceu no monte da transfiguração (Mateus 17.10-13). Como o profeta nessa ocasião já havia vivido

e morrido, e uma vez que Elias ainda possuía o mesmo nome e a sua própria consciência, é óbvio que Elias não havia reencarnado em João Batista.

O fato de Jesus ter-se transfigurado, reiteramos que Moisés também o fora, de acordo com o relato contido em Ex 34,29-30. Com relação à citação do arrebatamento com corpo e tudo, encontra-se a seguinte passagem de que “... **a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção**”. (1Cor 15,50). Mediante tal fato, creio que o “corpo glorificado” em que muitos crêem, a Doutrina Espírita nos elucida e nos esclarece como sendo o a materialização do Perispírito, corpo fluídico que serve de abrigo ao Espírito encarnado, ou até mesmo desencarnado.

Outrossim, é que “**Assim Moisés, servo do Senhor, morreu ali na terra de Moabe, conforme o dito do Senhor, que o sepultou no vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor; e ninguém soube até hoje o lugar da sua sepultura. Tinha Moisés cento e vinte anos quando morreu; não se lhe escurecera a vista, nem se lhe fugira o vigor**”. (Dt 34,5-7).

Se Moisés desencarnou e estava ao lado com Jesus no monte Tabor, juntamente com Elias, há de se convir de que este também desencarnou. Reiteramos e confirmamos o que dissemos outrora, de que quem se materializou foram Elias e Moisés e não Jesus, pois Ele transfigurou-se, onde trago como adendo a passagem em análise no Novo Testamento, e o desenrolar da fenomenologia na Codificação que nos elucida este fenômeno ocorrido tanto com Jesus, quanto Moisés em outra ocasião (Ex 34,29-30). Leiamo-la:

*“Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, a Tiago e a João, irmão deste, e os conduziu à parte a um alto monte; e foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. **E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele**. Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, farei aqui três cabanas, uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias”.* (Mt 17,1-4)

Nesta narrativa, fica claro de que houve a materialização de Elias e Moisés aos apóstolos e estes eram tão reais de que Pedro quis fazer uma cabana aos três. Poderia contra-argumentar de que se João Batista era a reencarnação do Profeta Elias, deveria ser aquele a aparecer na Transfiguração, mas temos como premissa as profecias de Malaquias que se referiam ao Profeta Elias e não ao Espírito profético de Elias sobre João Batista e sim a Elias reencarnado como João, senão a profecia deveria de ter sido bem clara. Mas afirma-se de que **Eis que eu envio o meu mensageiro [...] o profeta Elias** que se depreende em uma personalidade e não um “espírito profético” sobre um outro profeta. (Mq 3,1; 4,5). Vejamos agora, o que nos diz a Codificação diante do fenômeno. Depois voltaremos à análise da passagem.

Transfiguração

[...]

(1) O Monte Tabor, a sudoeste do lago de Tabarich e a 11 quilômetros a sudeste de Nazaré, com cerca de 1.000 metros de altura.

44. - É ainda nas propriedades do fluido perispírico que se encontra a explicação deste fenômeno. A transfiguração, explicada no cap. XIV, nº 39, é um fato muito comum que, em virtude da irradiação fluídica, pode modificar a aparência de um indivíduo; mas, a pureza do perispírito de Jesus permitiu que seu Espírito lhe desse excepcional fulgor. Quanto à aparição de Moisés e Elias cabe inteiramente no rol de todos os fenômenos do mesmo gênero. (Cap. XIV, nos 35 e seguintes)

De todas faculdades que Jesus revelou, nenhuma se pode apontar estranha às condições da humanidade e que se não encontre comumente nos homens, porque estão todas na ordem da Natureza. Pela superioridade, porém, da sua essência moral e de suas qualidades fluídicas, aquelas faculdades atingiam nele proporções muito acima das que são vulgares. Posto de lado o seu envoltório carnal, ele nos patenteava o estado dos puros Espíritos. (KARDEC, A. A Gênese, Cap. XV, nº 44)

Aparições – Transfigurações

35. - Para nós, o perispírito, no seu estado normal, é invisível; mas, como é formado de substância etérea, o Espírito, em certos casos, pode, por ato da sua vontade, fazê-lo passar por uma modificação molecular que o torna momentaneamente visível. É assim que se produzem as aparições, que não se dão, do mesmo modo que os outros fenômenos, fora das leis da Natureza. Nada tem esse de mais extraordinário, do que o do vapor que, quando muito rarefeito, é invisível, mas que se torna visível, quando condensado.

Conforme o grau de condensação do fluido perispírico, a aparição é às vezes vaga e vaporosa; doutras vezes, mais nitidamente definida; doutras, enfim, com todas as aparências da matéria tangível. Pode, mesmo, chegar, até, à tangibilidade real, ao ponto de o observador se enganar com relação à natureza do ser que tem diante de si.

São freqüentes as aparições vaporosas, forma sob a qual muitos indivíduos, depois de terem morrido, se apresentam às pessoas que lhes são afeiçoadas. As aparições tangíveis são mais raras, se bem haja delas numerosíssimos casos, perfeitamente autenticados. Se o Espírito quer dar-se a conhecer, imprime ao seu envoltório todos os sinais exteriores que tinha quando vivo. (1)

(1) O Livro dos Médiuns, 2ª Parte, caps. VI e VII. (2) Nota da Editora: As materializações prolongadas, quais as verificadas por William Crookes, não eram, então, conhecidas

36. - É de notar-se que as aparições tangíveis só têm da matéria carnal as aparências; não poderiam ter dela as qualidades. Em virtude da sua natureza fluídica, não podem ter a coesão da matéria, porque, em realidade, não há nelas carne. Formam-se instantaneamente e instantaneamente desaparecem, ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas (2). Os seres que se apresentam nessas condições não nascem, nem morrem, como os outros homens. São vistos e deixam de ser vistos, sem que se saiba donde vêm, como vieram, nem para onde vão. Ninguém os poderia matar, nem prender, nem encarcerar, visto carecerem de corpo carnal. Atingiriam o vácuo os golpes que se lhes desferissem.

Tal o caráter dos agêneres, com os quais se pode confabular, sem suspeitar de que eles o sejam, mas que não demoram longo tempo entre os humanos e não podem tornar-se comensais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família. (1)

(1) Nota da Editora: Segundo a Bíblia, este fato se deu na família de Tobias. (Ver "O Livro de Tobias".)

Ao demais, denotam sempre, em suas atitudes, qualquer coisa de estranho e de insólito que deriva ao mesmo tempo da materialidade e da espiritualidade: neles, o olhar é simultaneamente vaporoso e brilhante, carece da nitidez do olhar através dos olhos da carne; a linguagem, breve e quase sempre sentenciosa, nada tem do brilho e da volubilidade da linguagem humana; a aproximação deles causa uma sensação singular e indefinível de surpresa, que inspira uma espécie de temor; e quem com eles se põe em contacto, embora os tome por indivíduos quais todos os outros, é levado a dizer involuntariamente: Ali está uma criatura singular. (2)

(2) Exemplos de aparições vaporosas ou tangíveis e de agêneres: Revue Spirite, janeiro de 1858, pág. 24; - outubro de 1858, pág. 291; - fevereiro de 1859, pág. 38; - março de 1859, pág. 80; - janeiro de 1859, pág. 11; - novembro de 1859, pág. 303; - agosto de 1859, pág. 210; - abril de 1860, pág. 117; - maio de 1860, pág. 150; - julho de 1861, pág. 199; - abril de 1866, pág. 120; - "O lavrador Martinho, apresentado a Luiz XVIII, detalhes completos", dezembro de 1866, pág. 353

37. - *Sendo o mesmo o perispírito, assim nos encarnados, como nos desencarnados, um Espírito encarnado, por efeito completamente idêntico, pode, num momento de liberdade, aparecer em ponto diverso do em que repousa seu corpo, com os traços que lhe são habituais e com todos os sinais de sua identidade. Foi esse fenômeno, do qual se conhecem muitos casos autênticos, que deu lugar à crença nos homens duplos. (3)*

(3) Exemplos de aparições de pessoas vivas: Revue Spirite, de dezembro de 1858, págs. 329 e 331; - fevereiro de 1859, pág. 41; - agosto de 1859, pág. 197; - novembro de 1860, pág. 356.

38. - *Um efeito peculiar aos fenômenos dessa espécie consiste em que as aparições vaporosas e, mesmo, tangíveis, não são perceptíveis a toda gente, indistintamente. Os Espíritos só se mostram quando o querem e a quem também o querem. Um Espírito, pois, poderia aparecer, numa assembléia, a um ou a muitos dos presentes e não ser visto pelos demais. Dá-se isso, porque as percepções desse gênero se efetuam por meio da vista espiritual, e não por intermédio da vista carnal; pois não só aquela não é dada a toda gente, como pode, se for conveniente, ser retirada, pela só vontade do Espírito, àquele a quem ele não queira mostrar-se, como pode dá-la, momentaneamente, se entender necessário.*

À condensação do fluido perispírico nas aparições, indo mesmo até à tangibilidade, faltam as propriedades da matéria ordinária: se tal não se desse, as aparições seriam perceptíveis pelos olhos do corpo e, então, todas as pessoas presentes as perceberiam. (1)

(1) *Devem acolher-se com extrema reserva as narrativas de aparições puramente individuais que, em certos casos, poderiam não passar de efeito de uma imaginação sobreexcitada e, porventura, de uma invenção com fins interesseiros. Convém, pois, levar em conta, muito escrupulosamente, as circunstâncias, a honradez da pessoa, assim como o interesse que ela possa ter em abusar da credulidade de indivíduos excessivamente confiantes.*

39. - *Podendo o Espírito operar transformações na contextura do seu envoltório perispirítico e irradiando-se esse envoltório em torno do corpo qual atmosfera fluídica, pode produzir-se na superfície mesma do corpo um fenômeno análogo ao das aparições. Pode a imagem real do corpo apagar-se mais ou menos completamente, sob a camada fluídica, e assumir outra aparência; ou, então, vistos através da camada fluídica modificada, os traços primitivos podem tomar outra expressão. Se, saindo do terra-a-terra, o Espírito encarnado se identifica com as coisas do mundo espiritual, pode a expressão de um semblante feio tornar-se bela, radiosa e até luminosa; se, ao contrário, o Espírito é presa de paixões más, um semblante belo pode tomar um aspecto horrendo.*

Assim se operam as transfigurações, que refletem sempre qualidades e sentimentos predominantes no Espírito. O fenômeno resulta, portanto, de uma transformação fluídica; é uma espécie de aparição perispirítica, que se produz sobre o próprio corpo do vivo e, algumas vezes, no momento da morte, em lugar de se produzir ao longe, como nas aparições propriamente ditas. O que distingue as aparições desse gênero é o serem, geralmente, perceptíveis por todos os assistentes e com os olhos do corpo, precisamente por se basearem na matéria carnal visível, ao passo que, nas aparições puramente fluídicas, não há matéria tangível. (1)

(1) *Exemplo e teoria da transfiguração: Revue Spirite, março de 1859, pág. 62. (KARDEC, A. O Livro dos Médiuns, 2ª Parte, cap. VII.) (KARDEC, A. A Gênese, Cap. XIV, nº 35 a 39)*

Partindo do esclarecimento acima, em relação à passagem sugerida, e a explicação quanto ao fenômeno na Codificação, passemos a parte adiante, onde trata do relato da Transfiguração de Jesus, correlacionada com um evento equivalente de Moisés.

Vemos a transfiguração da face de Moisés, representando a comunicabilidade do plano físico com o espiritual, ao receber, pela segunda vez, as tábuas da Lei. Portanto, fato este similar ao da Transfiguração de Jesus no monte Tabor, conforme se segue que *"Quando Moisés desceu do monte Sinai, trazendo nas mãos as duas tábuas do testemunho, sim, quando desceu do monte, **Moisés não sabia que a pele do seu rosto resplandecia, por haver Deus falado com ele.** Quando, pois, Arão e todos os filhos de Israel olharam para Moisés, eis que a pele do seu rosto resplandecia, pelo que tiveram medo de aproximar-se dele".* (Ex 34,29-30). Através da Pneumatofonia ou a fala direta, Jesus se comunicou com plano espiritual e o Apóstolo Mateus segue a narrativa e confirmação de que Elias era João Batista reencarnado, assim como entenderam que a respeito de Elias, era de João que Jesus falava.

Há essa similaridade de eventos, tanto com Moisés, quanto em Jesus, e se Jesus se comunicou com os espíritos gloriosos de Moisés e Elias, há de se convir que fora uma comunicação que opõe a prática da Necromancia, bem como *"Estando ele ainda a falar,*

*eis que uma nuvem luminosa os cobriu; e dela saiu uma voz que dizia: **Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi***". (Mt 17,5)

Vamos agora continuar a passagem da Transfiguração, contida em Mt 17,10 **"Perguntaram-lhe os discípulos: Por que dizem então os escribas que é necessário que Elias venha primeiro?"** Aqui vemos o entendimento de que os apóstolos conheciam, em relação às Escrituras, especificamente a interpretação dos Escribas do livro do profeta Malaquias em relação ao cumprimento da profecia Ml 4,5 de que o Profeta Elias havia de vir antes do Messias e preparar o Seu caminho. Vendo Elias ali, ficaram em dúvida quando se realizaria essa profecia.

No verso 11 subsequente, **"Respondeu ele: Na verdade Elias havia de vir e restaurar todas as coisas"**. Mais adiante, entendemos que Elias realmente havia de vir e restaurar todas as coisas, mas se fizermos um retrospecto dos fatos, veremos que se João Batista não era Elias reencarnado, como poderia ele, João Batista, restabelecer as coisas que ele não era responsável como Elias foi designado a cumprir? Com essa afirmativa, subentende-se que se João Batista restabeleceu, ou resgatou o fato da morte dos 450 profetas de Baal, convertendo o mal com o bem da pregação do Batismo de arrependimento. Se isso ocorreu, é porque somente ele deveria ser o Elias reencarnado que viria **restaurar todas as coisas**.

Mais adiante, no verso 12, Jesus arremata: **"digo-vos, porém, que Elias já veio, e não o reconheceram; mas fizeram-lhe tudo o que quiseram..."**. O Mestre afirma, sem rodeios, que Elias veio reencarnado como João Batista e este padecera nas mãos de Herodes, sendo entregue a sua cabeça numa bandeja de prata a pedido de Salomé, onde o Mestre faz uma alusão ao prenúncio de seu suplício no Gólgota, referenciando com o mesmo fato de João Batista, também ser similar ao seu sacrifício. Enfim, no encerramento do diálogo, sobre o retorno do profeta Elias, **"Então entenderam os discípulos que Ihes falava a respeito de João, o Batista"**. (v.13). Enfim, os apóstolos entenderam de que João Batista era a o Elias reencarnado.

Diante de tudo o que já dissemos neste sub-tópico, nos sobreveio uma interessante questão, a respeito da "ressurreição dos mortos". Vejamos:

*"Ao descerem da montanha, Jesus recomendou-lhes que não contassem a ninguém o que tinham visto, até que o Filho do Homem tivesse ressuscitado dos mortos. Eles observaram a recomendação e **se perguntavam o que queria dizer "ressuscitar dos mortos"**. Os discípulos perguntaram a Jesus: "Por que os doutores da Lei dizem que antes deve vir **Elias**? Jesus respondeu: Antes vem Elias para colocar tudo em ordem. Mas, como dizem as Escrituras, o Filho do Homem deve sofrer muito e ser rejeitado. Eu, porém, digo a vocês: Elias já veio e fizeram com ele tudo o que queriam, exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele" (Mc 9, 9-13).*

Ao descerem do monte, os apóstolos conversavam entre si, sobre o fato da “ressurreição dos mortos”. Neste momento, surgiu a dúvida entre eles, de como se daria tal ocorrência e o interessante é que perguntaram a Jesus, com o objetivo de lhes esclarecerem, mas com o fato do retorno do profeta Elias. Daí, perguntamos: nessa ocasião, os discípulos não consideravam o retorno do Profeta Elias correlacionando a “ressurreição dos mortos”, como a reencarnação? Jesus, em sua resposta, é enfático: **“Antes vem Elias para colocar tudo em ordem”**. Ou seja, o texto é claro que falavam de João Batista, como o Elias reencarnado. Outro fato interessante a abordarmos, é que se os apóstolos acreditavam que a “ressurreição dos mortos” seria aplicada a Elias, indubitavelmente é porque ele não detinha a imortalidade física, sendo este assunto, o próximo que iremos analisar.

8. Argumentos contrários à imortalidade física de Elias

Um dos pontos mais trabalhados, pelos que dizem da impossibilidade de João Batista ser Elias reencarnado, é o fato de muitos defenderem, com afinco, a imortalidade física de Elias. Tanto é verdade que o autor também tenciona neste quesito, conforme podemos conferir:

Em terceiro lugar, Elias não se enquadra no modelo proposto pelos defensores da reencarnação, pois ele não morreu. Ele foi tomado e levado ao céu do mesmo modo que Enoque, que “não viu a morte” (2 Reis 2.11; conf. Hebreus 11.5). De acordo com a crença tradicional das seitas a respeito da reencarnação, uma pessoa precisa primeiramente morrer antes que possa ser reencarnada em outro corpo.

Com efeito, em Gn 5,24 **“E andou Enoque com Deus; e não apareceu mais, porquanto Deus para si o tomou”**. Segue a * Nota de rodapé:

*“Henoc levou uma vida de amizade com Deus, moral e religiosamente perfeita, mas viveu apenas 365 anos. O número significa a perfeição de uma vida igualável ao número dos dias de um ano completo. Em vista de sua vida perfeita foi arrebatado para junto de Deus. **Tal maneira de descrever um fim de vida corresponde à expressão popular “Deus o levou”, referindo-se à morte de pessoas bondosas e queridas. (II Reis 2:19-24).** Os prodígios mostram que o espírito de Elias tinha repousado sobre o seu discípulo, para benefício de uns e desgraça de outros. O ciclo de Eliseu no-lo apresenta sobretudo como taumaturgo, maior até mesmo que Elias, e como homem que intervém decididamente na política interna e externa. Estes relatos devem ter-se originado entre os círculos proféticos”.* (Bíblia Sagrada – Editora Vozes, grifo nosso).

Vejam que a igreja católica admite que Henoc morreu, citando a referência popular que comumente ouvimos: “Deus o levou”, “Está com Jesus”, “Agora está com Deus” e “Foi se juntar com os pais”. Essa referência é feita quando se pergunta por pessoas que já desencarnaram, assim como: *“Tornou-se agradável a Deus e foi por ele amado; como, porém, vivia no meio de pecadores, foi transferido”*. (Sb 4,10), bem como *“Henoc agradou ao Senhor e foi trasladado, exemplo de conversão para as gerações”* (Ec 44,16).

Em At 8,39-40 simplesmente diz que Felipe foi "arreatado" e em seguida já estava em Azoto. Outrossim, o mesmo fato leva a crer que Elias poderia ter tido o mesmo fenômeno correlato, já que ele também houvera sido "arreatado", mas como Felipe, este também veio a desencarnar, ou seja, morrer de fato. Outra prova é que Elias ainda escreveu uma carta ao Rei Jeorão 10 anos após o seu "arreatamento" em 2Cr 21,1.12-15. Como poderia Elias nos enviar uma carta após o seu "arreatamento", se não estivesse em nosso meio? Essa é uma pergunta que não há resposta óbvia de que Elias ainda estava por perto e acompanhava os eventos.

Ainda sobre o "arreatamento" de Enoque, o fato a considerar é que as pregações dele estavam ganhando oposição e ele poderia ser assassinado, a qualquer momento, naquela época de violência. Vejamos: *"Ora, a terra estava corrompida aos olhos de Deus e cheia de violência"*.(Gn 6,11). Quando há a referência de que *"Deus o arreatou, e ele não foi mais encontrado"* (Gn 5,24). Este livramento dado por Deus, levou Enoque corporalmente para outro lugar distante daquele ambiente hostil.

Enoque levou uma vida de retidão com a moral e as leis de Deus. Ele ainda viveu entre pecadores, obteve um comportamento moral inatacável e uma vida religiosa perfeita, sendo motivo de conversão para muitos. Este ainda viveu apenas 365 anos. O número significa a perfeição de uma vida igualável ao número dos dias de um ano completo, segundo a corrente da *Kabbalah* que era passada oralmente entre os escribas e judeus da época. Em vista de sua vida honrosa, ele foi "arreatado" para junto de Deus numa expressão popular de uma pessoa que teve uma vida ditosa e foi levado a Deus, como um simbolismo literário de quem morreu e está com Deus.

Mais adiante, no Novo Testamento, vemos na o texto: ***“Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra”***. (Hb 11,13). O texto em análise abrange a **todos estes**, como os citados Abel, **Enoque**, Noé, Abraão, Isaque, Jacó e Sara. Contudo, não há exceção no texto. Entretanto eles creram em fé na promessa da terra prometida, Canaã, logo, não impediria de que **todos**, tal como Abel, Enoque, Noé, Abraão, Isaque, Jacó, Sara, todos estes **morreram** de fato na fé. Acreditaram em coisas que não viram, como alcançarem a promessa da Terra Prometida, todavia, o escritor da Epístola é claro em afirmar a aliança dos patriarcas com o messias, tal como uma pátria superior e celestial (v.16), abandonando a terra em que eram peregrinos.

O texto de Hebreus está intimamente ligado ao texto de Gênesis. Todos os dois textos, tanto o de Gênesis, quanto o de Hebreus, ambos têm mensagens que ultrapassam a interpretação literal. Como já foi esclarecido o fato da representatividade dos anos de vida e de ter sido tomado para Deus nas linhas supracitadas. Gostaríamos de citar Rashi, um dos maiores comentaristas e intérpretes das Escrituras entre os sábios judeus que escreveu sobre Enoque, este assim diz:

*”e andou Enoque – era justo e inocente em seus pensamentos, não sendo acusado em coisa alguma, por isso apressou-se o Eterno, Bendito seja Ele, em removê-lo desta Terra e matá-lo antes do tempo previsto, e esta é a razão de estar escrito, em relação a sua morte, וַיִּקַּח, “veeinenu” – pois “não havia mais ele” no neste mundo no propósito de cumprir seus anos de vida, porque וַיִּקַּח וְיָחַד, “**laqach otô**” – “**tomou para si (Deus)**” antes do tempo”.*[2]

Ademais, Enoque era a sétima geração e esta numeração, para os estudiosos Judeus, dentro da *Kabbalah*, o número significa a perfeição e devido à vida que Enoque levou, poderíamos inferir que este atingiu a plenitude e foi elevado a Deus, do qual origina a sétima geração e por isso foi "tomado a Deus". Podemos ainda conferir:

*“em todas as situações o sétimo é preferido [...] nas gerações: Adam, Seth, Enosh, Kenan, Mehallé, Jered, and **Enoch** - e entre estas todas “Enoque andou com Deus” (Gen 5:24); Entre os patriarcas, o sétimo é o preferido: Abraham, Isaac, Jacob, Levi, Kehath, Amram, e Moisés: e Moisés subiu para Deus (Ex 19:3)”. – (Pesquita de Rab Kahana: cap. 23).*[2]

Mais uma comprovação de que não devemos ir ao pé da letra e que há muito mais por detrás delas na Torá do que imaginamos. Contudo, ainda vemos em outras traduções da Bíblia. Ainda sobre a *Desaparição de Henoc*:

*“**Não sabemos o sentido exato desta desapareção misteriosa.** A Bíblia refere ainda o caso Elias (2Rs 14:8. Na literatura pagã fala-se de dois casos análogos: a desapareção de Utnapistim, o Noé dos Sumérios; e a de Rômulo, lendário fundador de Roma. Muitos passos da Escritura e literatura Judaica extra-bíblica referem-se a Henoc (cf Heb 11:5; Eclo 44:16, 49:14, Jds 14). Há ainda um livro não canônico, chamado “Livro de Henoc”. Assim nasceu a tradição de que Henoc e Elias viriam na aurora dos tempos messiânicos. **Mas Jesus declarou que Elias era João Batista** (Mt 17:10; Lc 1:17)”. (Bíblia Edição da Palavra Viva, Missionários capuchinhos, Lisboa, Stampley Publicações Ltda, S. Paulo, 1974, grifos nossos).*

Considerando que “*Deus é Espírito*” e que “*...Deus dos espíritos de toda a*

Wikipédia [2]: http://pt.wikipedia.org/wiki/Enoque_%28antepassado_de_No%C3%A9%29

carne...”; sendo que certamente **“a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus”** (1Cor 15,50) e também é dito por Jesus que **“O espírito é que dá vida; a carne de nada serve”** (Jo 6,63). Assim, não poderia Elias ser arrebatado de corpo e tudo aos “céus”, antes este passou pela morte, assim como Enoque. Há de se convir de que Elias desencarnou e foi “transladado” para um lugar próximo e escreveu uma carta ao rei Jeorão em 2Cr 21,1.12-15, que foi provavelmente 10 anos após o seu arrebatamento. Este fenômeno que ocorreu com Elias foi idêntico ao de Filipe, constante em At 8,39-40. No diálogo entre Jesus e Nicodemos (Jo 3,1-15); sendo Jesus ‘O Filho do Homem’, este veio a dizer a Nicodemos que **“Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que de lá desceu, o Filho do Homem”**. Assim, literalmente, ou não, fica provado que ninguém subiu ao céu, senão apenas Jesus! O que ele queria nos passar com este ensinamento? Tudo, menos que Enoque e Elias tenham “subido aos céus”.

II. Passagens que parecem negar a Reencarnação

Chegando ao fim deste nosso direito de resposta, temos encontrado por todos os textos, passagens que nos parecem negar a existência da reencarnação no Novo testamento, já que no Tanách, ainda não nos foi apresentado esse artifício, antes demonstramos que a reencarnação é fato documentado historicamente entre o pensamento Judeu. Com efeito, vamos comentar a passagem predileta de Hb 9,27.

1. Hb 9:27 seria a negação da reencarnação?

Assim, o autor Norman Geisler nos coloca a seguinte defesa da unicidade da vida encarnada.

Em quarto lugar, essa passagem deve ser compreendida à luz dos ensinamentos claros das Escrituras, que são contrários à reencarnação. Hebreus 9.27, por exemplo, declara: “E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo” (confira João 9.2).

Nesta abordagem que foi feita, tentou-se passar a ideia de que não época de Jesus, havia a negação da reencarnação em Hb 9,27. Iremos esclarecer que o objetivo deste nono capítulo da Epístola aos Hebreus, do qual o verso 27 é largamente utilizado para combater a reencarnação. Por outro lado, será demonstrado que era para simbolizar a volta de Jesus, em seu desfecho no verso 28. Todavia, os opoiores das vidas sucessivas nos dizem que simboliza a negação da reencarnação. O mais interessante disso tudo é que na Bíblia, segundo os dogmáticos não há nada que sustente a reencarnação, já que não fazia parte dos dogmas e preceitos judaicos. Entretanto, ao se

tratar de sua condenação, não ocorre à mesma coerência. Ou seja, aí ela ocorre, e essa passagem é prova disso.

O que mais nos admira nos contraditores da Doutrina Espírita é a coragem em afirmar que não havia nenhuma credibilidade na crença da reencarnação, no período dos Cristãos primitivos. O mais curioso, é que esse verso proíbe algo que nem mesmo eles não acreditavam segundo os dogmáticos? **Ou seja, muito estranho em se proibir algo em que nem se cogitava acreditar.**

Embora vemos o esforço dos dogmáticos, em condenar algo em que não se acreditava nos primeiros séculos da era Cristã. Segundo eles, é sugerido à meditação, a fim de que percebamos que após o versículo 12, a ligação da expressão “uma única vez”, ironicamente nega que podemos voltar a reencarnar.

O Problema aqui reside em se deixar passar uma única palavra que não dá tanta credibilidade para quem argumenta em desfavor e condenação da reencarnação. Ou seja, está escrito que é "**morrer uma única vez**" e se o texto fosse "**VIVER uma única vez**", aí sim daríamos razão aos que acreditam na unidade da vida terrena, mas não é assim que está construído o verso 27 tão polêmico e explorado por eles.

No desfecho da análise que muitos contraditores fazem, estes nos dizem que é o mesmo que anular o sacrifício de Cristo por um sacrifício nosso. Primeiro ponto, apenas um esclarecimento, não desacreditamos no fato de Jesus ter se oferecido uma única vez. O que é contestado é de que a reencarnação não anula o esforço que nos apresentou Jesus em nos trazer o Evangelho, sendo que Ele nos recomenda em nos esforçarmos à Porta Estreita das virtudes. Sabemos que ninguém chegaria à prática de todas as virtudes celestes, em uma única vida somente, e que muito menos nos seria dado algo em que não teríamos merecimento para receber.

Certamente o escritor da Epístola aos Hebreus, que é discutida a sua autoria, onde dizem ser de Paulo, de Lucas, ou até de alguns dos Apóstolos e diversos deles, também como autores simultâneos, fica a elucidação da seguinte questão do capítulo 9 que tem por único objetivo, a mensagem final sobre a volta de Cristo e não a condenação à reencarnação que não é assunto do mesmo referido capítulo.

Outrossim, se o texto infere em "**morrer uma única vez**", então os opositores das vidas sucessivas se encontram em outro dilema, pois as ressurreições que ocorreram no AT e NT, tais como Lázaro, o filho da viúva de Naim e a filha de Jairo **morreram uma segunda vez**? Aí sim, a tão aventada e aludida passagem de Hb 9,27 é como um tiro que sai pela culatra.

Destarte, deixamos em nossa conclusão deste sub-tópico, a seguinte reflexão para os leitores e também a todos contraditores: *“Hb 9,27 seria a negação da crença na reencarnação, se, segundo os dogmáticos não se acreditava nela na época de Jesus?”*

Como poderia condenar algo em que não se acreditava?” Por dedução, sabemos que é uma postura um tanto que incoerente, exercida por boa parte dos que acreditam na unidade da vida terrena e infelizmente abordada pelo Norman Geisler.

* Considerações Finais

Ao fim deste nosso direito de mostrar o “outro lado da moeda”, o responsável em nos remeter o texto do Norman Geisler que acabamos de contra-argumentar, nos convida a seguinte reflexão:

[Eu acrescentaria que "os ensinamentos claros das Escrituras" negam a própria premissa básica de imortalidade da alma, o que o autor deste artigo, um evangélico, infelizmente ainda não percebeu também, no que sua explicação, embora boa, é incompleta].

Finalizando, sobre o comentário acerca da imortalidade da alma, deixaremos apenas a documentação do historiador Flavio Josefo que contradiz veementemente com a opinião do nosso colaborador, que nos enviou o devido artigo. Porquanto, da mesma forma que concordamos com ele, de que nos passou este artigo, em estar incompleta a análise de Norman Geisler. Assim, julgamos que não somente abrangemos aos pontos não abordados, mas também corrigimos os pontos distorcidos pelo Norman Geisler.

Sobre o evento do retorno do Profeta Elias, como João Batista reencarnado. Estamos de pleno acordo com Jesus que foi o propagador dessa ideia e não abrimos mão de que e *“...se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir (Mt 11,14). Então entenderam os discípulos que Ihes falava a respeito de João, o Batista”*. (Mt 17,13).

Diante de tudo o que foi abordado, sabemos que dizer que de fato Elias era João Batista reencarnado e Jesus o Messias. Vale a pena lembrar que milhões de Cristãos rejeitam a Doutrina da reencarnação e rejeitando esta Doutrina, João não poderia ser Elias. Assim, fica provado que se não há, ou não veio o Profeta Elias, não há Messias em Israel. Em suma, Jesus não é o Messias para os Judeus. Diante dos fatos abordados e analisados friamente, dessa maneira, João Batista é a reencarnação de Elias e por uma analogia, Jesus, é o Messias, porquanto, *“Quem tem ouvidos, ouça”* (Mt 11,15).

Thiago Toscano Ferrari
Janeiro / 2007
(Revisado Outubro / 2013)

Referências bibliográficas:

GEISLER, N. L. e Rhodes, R. *Respostas às Seitas - Um Manual Popular Sobre as Interpretações Equivocadas das Seitas*, Editora CPAD.

BENTES, J.R. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, 4ª edição, volume 5.

JOSEFO, F. *História dos Hebreus*, Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2003.

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, São Paulo, SP: PETIT, 2004.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, São Paulo, SP: PETIT, 2004.

KARDEC, A. *A Gênese*, São Paulo, SP: PETIT, 2004.

Bíblia Edição da Palavra Viva, Lisboa, S. Paulo, SP: Stampley Publicações Ltda, 1974.

Bíblia Sagrada, Editora Vozes, 3ª edição, 1983.

Bíblia Sagrada, São Paulo: SBB, 2000.

Internet:

Wikipédia [1]: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Karma>

Wikipédia [2]: http://pt.wikipedia.org/wiki/Enoque_%28antepassado_de_No%C3%A9%29